



Pelo direito de viver

Brasil é um dos países mais perigosos para pessoas LGBTQIA+ e o que mais mata trans no mundo; é preciso resistir para (re)existir. **PÁGINAS 8 E 9**

Intolerância religiosa e racismo caminham de mãos dadas.

PÁGINA 3

Pesquisa presencial e on-line busca entender qual é a Maré dos moradores.

PÁGINA 7

A favela da Maré também é lugar de gamers.

PÁGINAS 12 E 13



INSTAGRAM RAPHAEL VICENTE

Depois da festa, vem a ressaca

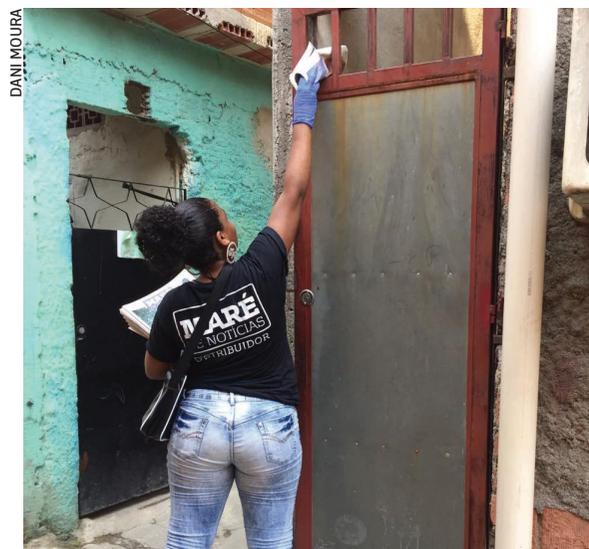
Excesso de bebida, doces e alimentos gordurosos faz parte das comemorações de fim de ano e, com a chegada de janeiro, vem a promessa por novos hábitos alimentares.

PÁGINAS 4, 5 E 6

De porta em porta

Os distribuidores são mais que moradores; são os responsáveis por fazer com que o jornal Maré de Notícias chegue às mãos dos mais de 140 mil moradores e moradoras das 16 favelas da Maré.

PÁGINAS 14 E 15



DANI MOURA

EDITORIAL

Damos início a mais um ano; também se iniciam os novos mandatos de vereadores, prefeitos e secretário. Apesar de ter em mente que é um novo ano, com novas promessas e metas a serem cumpridas, é preciso lembrar que nem tudo se encerra com a chegada de 2021: a pandemia entra em seu 11º mês no Brasil ao fim de janeiro.

Os primeiros dias chegam com a esperança de tempos melhores, mas não se pode esquecer que é fundamental manter os não tão velhos hábitos de higiene adquiridos ao longo da pandemia, como lavar as mãos com água e sabão e utilizar o álcool em gel e a máscara sempre que precisar sair de casa. A cidade do Rio vive um momento crítico em relação à disponibilidade de leitos de UTI na rede do Sistema Único de Saúde (SUS): a ocupação, em 29 de dezembro, era de 91%.

O cuidado individual é o cuidado coletivo. Quando uma pessoa evita aglomerações, consegue manter o distanciamento, utiliza a máscara de forma correta, ela não apenas preserva a sua própria vida, como também cuida dos que estão ao seu redor, como familiares e amigos. Ainda não é o momento de se expor nem às outras pessoas por tabela. Cuidem de si para poder cuidar dos mais próximos.

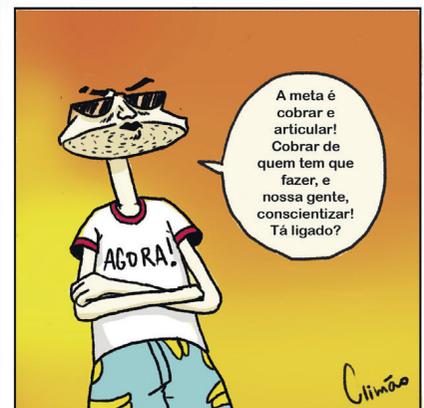
Desta forma, é importante frisar que o território tem uma série de ações para o enfrentamento da covid-19. Através do projeto *Conexão Saúde - De olho na covid*, os moradores da Maré podem fazer consultas médicas pelo celular, além de ter acesso a testagem, acompanhamento e isolamento para quem testar positivo para o novo coronavírus. Além disso, também está disponível o *Guia de isolamento domiciliar para pessoas com covid*, ensinando a organizar a casa e a rotina da família que tem um ou mais membros infectados. Todo cuidado ainda é necessário.

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

 (21) 97271-9410

QUADRINHOS - CAMPANHA CLIMÃO



EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

re^{da}smaré

PARCERIA:

actionaid

MARÉ
DE NOTÍCIAS

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
www.maredenoticias.com.br
maredenoticias@gmail.com
contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Campanha Climão
Casa Preta da Maré
Centro de Artes da Maré
Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
JORNALISTA RESPONSÁVEL

Daniele Moura
(Mtb 24422/RJ)

EDITORA

Andressa Cabral Botelho

COORDENADORES DE

DISTRIBUIÇÃO:

Arthur Viana

Henrique Gomes

Luiz Felipe de Oliveira

Bacelar

DISTRIBUIDORES:

Andrews de Andrade

Faustino

Antônia Valéria Lins e Silva

Cristiane dos Santos

Jonathan Ribeiro Da Cruz

Larissa Oliveira

Luana Cristina Alves

Lucas Frederico Brandão

Leonardo da Silva

Marcela Ferreira Silva Gomes

Thuaney Vieira Nascimento

Valdemir Gomes da Cunha

Júnior

Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA

EDIÇÃO

Edu Carvalho

Hélio Euclides

(Mtb 29919/RJ)

Thaís Cavalcante

(Mtb 35270/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes

Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO

REPRESENTAM A OPINIÃO

DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO

DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA

A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, pelas redes sociais (@maredenoticias) ou ainda por e-mail contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

A intolerância é uma forma de Dominação Social



PROF. BABALAWÔ IVANIR DOS SANTOS

É membro da Universidade Federal do Rio de Janeiro: doutorando em História Comparada (PPGHC/UFRJ); pesquisador do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER/UFRJ) e do Laboratório de Estudos de História Atlântica das sociedades coloniais e pré-coloniais (LEHA-UFRJ); está à frente da Coordenação de Religiões Tradicionais Africanas, Afro-brasileiras, Racismo e Intolerância Religiosa (ERA-RIR/LHER/UFRJ). É integrante da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros e conselheiro estratégico do Centro de Articulações de População Marginalizada (CEAP).

A intolerância religiosa faz parte de um processo dicotômico da dominação social, política e religiosa: a divisão entre a “boa” e a “má” religião em solo brasileiro, na qual os adeptos das religiões africanas, com suas culturas e suas representações, configuram um mal a ser combatido pelos não adeptos dessas religiosidades. Entretanto, a compreensão sobre o que seria uma boa ou uma má religião não faz parte da cosmovisão e

“É com educação e reeducação que vamos construir uma sociedade menos intolerante e menos racista.”

PROF. BABALAWÔ IVANIR DOS SANTOS

das experiências dos adeptos das religiões de matrizes africanas, que têm por base as tradições dos grupos étnicos africanos que chegaram ao Brasil na condição de escravos.

Para os religiosos e as religiosas de matrizes africanas, não existe o dualismo bem/mal; todas as ações, escolhas e vontades são de responsabilidade não de uma força ou de um ente religioso que age sobre o indivíduo, mas sim das próprias pessoas que trazem consigo suas culturas, religiosidades, formas de ver e entender o mundo – ou seja, uma experiência religiosa totalmente diferente daquela que dominava o país: o catolicismo. Esta experiência religiosa, em contato com o catolicismo português e as religiões nativas, ganhou novas ressignificações e reconstruções.

Fomentados pelo racismo e pelo preconceito, os processos de colonização religiosa nas Américas ajudaram na construção de uma ideia e uma identidade não positivas das religiões e culturas de matrizes africanas – processos esses que foram instigados principalmente pelo crescimento dos grupos religiosos evangélicos pentecostais e neo-pentecostais e o acirramento das guerras

espirituais. Destarte, do ponto de vista histórico, “conflitos e disputas” religiosos nunca deixaram de fazer parte das transformações sociais brasileiras. Sim, nunca deixaram, pois não existe unanimidade sobre religiões e religiosidades, seja em nosso país ou em qualquer outra parte do mundo. Entretanto, no Brasil, os conflitos religiosos, ou melhor, a INTOLERÂNCIA religiosa está de mãos dadas com o racismo e com todas as formas de preconceito.

A intolerância religiosa se camufla cotidianamente em opinião pessoal dentro da nossa sociedade. Opiniões essas que não permitem enxergarmos o quão danosas são, para a realidade brasileira, as violências patrimoniais, físicas, psicológicas e simbólicas contra as religiões de matrizes africanas. Um brevíssimo “passeio” nos fatos históricos nos revela que a intolerância religiosa contra os adeptos das religiões de matrizes africanas está intimamente ligada ao início e às transformações da sociedade brasileira. Já na década de 1980, ataques e atos de intolerância, principalmente no estado do Rio de Janeiro, passaram a ser praticados pelo poder paralelo (cujos membros se identificam como “traficantes evangélicos”),

obrigando o fechamento, dentro das favelas, dos templos religiosos de matrizes africanas e proibindo o seu funcionamento.

Não podemos deixar de pontuar que tivemos avanços significativos no combate à intolerância, como a Delegacia de Crimes Raciais e Delitos de Intolerância (Decradi), criada pela lei estadual nº 5.931/11 com o objetivo de combater os crimes de racismo e homofobia, preconceito e intolerância. A construção e realização de Fóruns Inter-religiosos que atuam na promoção da equidade religiosa e no fortalecimento de grupos de pesquisa, que se debruçam sobre o tema dentro das universidades públicas, também marcam um grande ponto de luta contra a intolerância religiosa. Contudo, ainda precisamos investir em uma pedagogia descolonizadora voltada para as diversidades e a pluralidade. É com educação e reeducação que vamos construir uma sociedade menos intolerante e menos racista. Pois todas essas “questões” não são “problemas” que precisam ser pensados apenas pelas vítimas desses crimes. A intolerância religiosa é uma questão social, política, econômica e religiosa e precisa ser debatida em todas as esferas dos poderes.

Ano novo com bebida, comida e coronavírus

Em meio à pandemia, janeiro chega com cuidados redobrados com a saúde

HÉLIO EUCLIDES

Peru, chester, rabanada, pernil, vinho – tudo isso e muito mais faz parte das ceias em dezembro, além das simpatias e superstições de réveillon que envolvem comer lentilhas, uvas verdes e sete sementes de romã. Isso pode significar um grande problema nos dias seguintes. Depois das festas surgem a ressaca, a dor de cabeça, os enjoos e outras complicações; ninguém quer começar o ano se sentindo mal. Com o fim das comemorações de final do ano, chega também o arrependimento dos excessos e as promessas de alimentação regrada e mais exercícios.

Para evitar esses aborrecimentos, a nutricionista **Márcia Teixeira**, da Coordenação de Área Programática 3.1, dá dicas para uma boa alimentação não só nas festas, mas para todo o ano. “O que ocorre nessas comemorações é o consumo de frituras, comidas gordurosas e doces, o que sobrecarrega o fígado. Depois disso tudo, é importante comer alimentos que colaborem na desintoxicação, como fibras e frutas – preferencialmente, escolha aquelas que estão na safra, como melão, melancia, laranja e maçã, para somar valor nutritivo com economia. Uma boa forma de consumo é a salada de frutas”, ensina. Já sobre a ingestão de bebidas alcoólicas, a médica recomenda comer algo antes e não exagerar para evitar a ressaca, além de beber água antes, durante e depois, para impedir a desidratação.

Nessa virada de ano, a nutricionista aconselha começar com o pé direito, com uma alimentação mais saudável, com verduras, legumes, frutas e pão integral. Ao escolher a proteína (no caso dos não vegetarianos), sempre prefira as carnes mais magras, como frango e peixe,

DOUGLAS LOPES



Opção para os mareenses e moradores das redondezas, o Buffet Maré de Sabores voltou à ativa com comidas de fim de ano

preparados grelhados, cozidos ou assados. Com o calor do verão, o ideal é beber bastante líquidos, como água e sucos conhecidos como detox, feitos com frutas bem higienizadas e água filtrada (o açúcar pode ser substituído por água de coco). Outra bebida que faz bem para o organismo é o chá, de qualquer tipo. O importante é tirar do cardápio o refrigerante. “É preciso se aproximar de alimentos naturais e se afastar dos processados. Falo que é necessário mais descascar do que desembulhar. Isso deve ser a regra de ouro”, explica a nutricionista.

“Nas refeições, deve-se incluir grãos, frutas secas, sementes, arroz integral, aveia e feijão. Nesse período de pandemia é bom consumir mais fibras, que diminuem a ansiedade. Ela também pode ser combatida com uma boa mastigação, comendo bem devagar. Isso tem como resultado a diminuição da fome, que se refletirá na quantidade de alimentos consumidos”, diz.

Ela acrescenta que é bom evitar o excesso de açúcar e sal. Já em relação a temperos, sempre usar os naturais, como alho, salsa, orégano e cebola – tudo aquilo que pode estar na horta das casas dos moradores da Maré.

Mesmo sem saber de todas as recomendações da nutricionista, **Lúcia Fátima Silva**, moradora da Vila do João, faz a sua ceia sem exageros e diariamente tenta equilibrar os cuidados. “A tradição manda ter bacalhau. Há 37 anos, quando fiquei grávida e enjoei de pernil, não como mais carne de porco. A minha comida é sem doce ou gordura, pois meu marido tem diabetes”, diz. Já **Luiz Carlos Araújo**, morador da Vila dos Pinheiros, conta que mudou os hábitos depois de uma mistura de bebidas. “Na ceia sempre tem pernil assado e vinho. Nunca passei mal por comida. O que me marcou foi a vez em que a bebida não caiu bem. Comecei com cerveja, depois vinho, passei para a cidra e por fim, rum Montilla. O resultado foi uma

baita ressaca. Fiquei o dia seguinte vomitando; só melhorei com água tônica”, lembra.

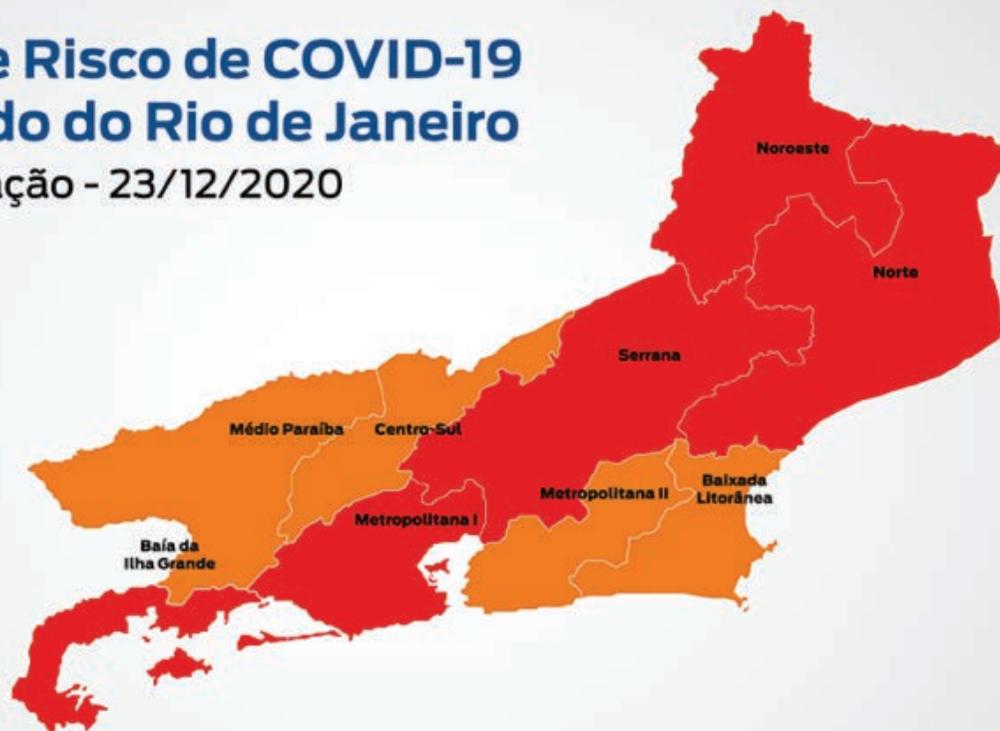
Alimentação balanceada

Uma boa alimentação é a que contém quantidade adequada dos alimentos necessários para assegurar os requerimentos nutricionais, assegura a Organização Mundial de Saúde (OMS). **Daniela Cierro**, vice-presidente da Associação Brasileira de Nutrição, acrescenta que quem deseja começar uma dieta equilibrada precisa ter informações baseadas na ciência e, principalmente, a orientação de um profissional nutricionista para conhecer suas necessidades individuais. “O importante é comer pequenas quantidades, manter-se hidratado e consciente. As festas acabam rapidamente e a culpa acompanha muita gente ao longo do ano”, diz a profissional.

Daniela destaca que o sobrepeso e a obesidade surgem a partir do aumento do consumo diário de calorias e de alimentos ultraprocess-

Mapa de Risco de COVID-19 do Estado do Rio de Janeiro

12ª atualização - 23/12/2020



SECRETARIA DE ESTADO DE SAÚDE RJ

Em estágio de alerta, o estado do Rio apresentou alto risco de contágio da covid-19 no último relatório do ano sobre a doença

sados, que contêm gordura e açúcar em grandes quantidades e mais aditivos, que não aumentam a saúde do ser humano e sim, o prazo de validade dos produtos nas prateleiras dos supermercados. “Geralmente percebemos que, para boa parte da população, um alimento saudável não é saboroso. Mas isso pode ser mudado. Afinal, quem não gosta de um macarrão com molho ao sugo e almôndegas, acompanhado de uma salada de alface e tomate? Saudável e gostoso”, finaliza.

Quem deseja começar uma dieta pode procurar uma unidade de saúde perto de casa. Dali, o paciente vai ser encaminhado para o Centro Municipal de Saúde Américo Veloso, na Praia de Ramos, que oferece atendimento de nutricionista.

Um início de ano com pandemia

Márcia e Daniela concordam que, além de uma boa alimentação, a atividade física é essencial em tempos de covid-19 pois, além de controlar o peso, ainda ajuda a manter a saúde física e mental. Atividade física regular, hidratação, alimentação saudável, boas noites de sono e uma vida mais consciente,

além de exames periódicos para prevenir doenças, compõem o bom caminho para uma vida com saúde.

Mas até fazer exercícios ficou mais difícil com a pandemia. **Celso Roberto**, que é atleta, confessa que o uso obrigatório da máscara nos treinamentos aeróbicos na rua ou academia dificulta a respiração. “É quase uma asfixia, algo desconfortável à beça. Eu continuo treinando, três vezes por semana. Uso máscara, mas a evolução não é a mesma coisa”, comenta. Roberto trabalha com corrida de rua e confessa que a pandemia trouxe o cancelamento dos eventos. Só no fim do ano é que alguns voltaram, seguindo várias medidas. “A galera, quando tem data de eventos marcada, treina pensando naquela corrida. Um exemplo é a meia-maratona, que o atleta treina por três meses pensando exclusivamente na prova. Sem eventos, o corredor não treina, fica desmotivado”, conta.

Como evitar o vírus

Além dos cuidados com alimentação, é necessário ainda ter cuidado com a propagação do novo coronavírus no pós-festas. Sabe-se que o mo-

mento é de confraternização, mas os abraços, festas e aglomerações para comemorar os primeiros dias do novo ano precisam esperar, em prol de um bem maior.

É justamente neste período, de saudade por conta do isolamento e do aumento vertiginoso de casos e mortes por covid-19, que é preciso ficar ainda mais atento e saber quais os cuidados necessários depois das festas, caso algum familiar venha a se contaminar com o novo coronavírus. Desde novembro, notou-se uma subida na curva de contaminações, que estava em queda. Como consequência, ao longo de dezembro vimos a ocupação de leitos para a doença nas redes pública e privada de saúde chegar a níveis alarmantes. No dia 29 de dezembro, o estado do Rio registrou 426.259 casos confirmados e 25.078 mortes, de acordo com o painel do governo do estado. Se a população ignorou esse fato nas festas de fim de ano, as boas vibrações do início de 2021 podem se transformar em preocupações com as pessoas que amamos e conhecemos.

Pensando nisso, foi desenvolvido o *Guia de isola-*

mento domiciliar para pessoas com covid-19. O material faz parte do Programa de Isolamento Seguro, um dos braços de atuação do *Conexão Saúde*, parceria da Redes da Maré com a iniciativa Dados do Bem, a ONG SAS Brasil, o movimento União Rio, o Conselho Comunitário de Manguinhos e a Fiocruz, com financiamento da iniciativa Todos pela Saúde. A ação como um todo está em curso há três meses, oferecendo a possibilidade de um isolamento seguro dentro de casa, para casos mais leves que não necessitem de suporte hospitalar.

As orientações do guia tiveram a assessoria de **Mari- lia Santini de Oliveira**, médica infectologista da Fiocruz. O guia é ofertado pela equipe social do programa de isolamento seguro, que conta com acompanhamento social, oferta de insumos, alimentação, orientação, acolhimento e acompanhamento social durante o período de desenvolvimento da infecção, além de monitoramento via telemedicina.

“A partir do programa de isolamento domiciliar, a equipe achou que seria necessário um guia para ajudar os moradores da Maré, que tem confirmação ou suspeita de covid-19 e que estão sendo acompanhados pelo programa, a diminuir os riscos de transmitir o vírus para os seus familiares”, explica **Camila Barros**, pesquisadora da Redes da Maré. Dessa forma, o guia traz orientações sobre como organizar a casa depois do diagnóstico positivo para a infecção, abordando desde recomendações básicas, como distanciamento, uso de máscara e higiene, até organização do espaço do doente, desinfecção dos cômodos, preparo dos alimentos e convivência. O guia está disponível em <https://www.redesdamare.org.br/publicacoes>, mas é possível conferir algumas dicas na página a seguir.

Onde os vírus estão?

Como pegamos Covid-19 de uma pessoa doente?



• Tosse, espirro, respiração ou fala sem máscara e a menos de 2 metros de distância.



• Usando copos, garfos ou talheres que o doente usou, sem lavá-los antes.



• Tocando objetos e superfícies que a pessoa tocou e levando as mãos contaminadas ao rosto, sem lavá-las antes.

Como organizar a casa? Espaço do doente

- Se possível escolher um quarto separado do resto da casa por paredes e portas e com janelas que possam ficar abertas a maior parte do tempo, onde apenas o doente ficará.
- Se não for possível ter um cômodo exclusivo para o doente, é importante que todos usem máscaras dentro da casa - sobretudo o doente - como uma forma de prevenção.

O que deve ter no espaço do doente?



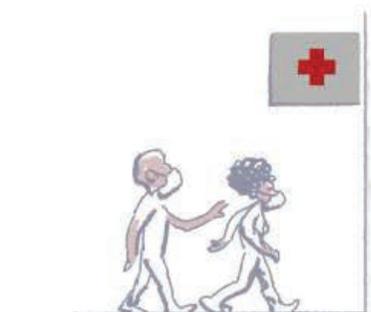
1. Um sofá, uma cama ou um colchão.
2. Uma mesinha perto da porta para colocar as refeições.
3. Um cesto de lixo com saco plástico.
4. Um cesto ou saco para roupas sujas.
5. Alimentos para pequenos lanches, como biscoitos e frutas.
6. Água e outros líquidos.
7. Remédios que o doente use regularmente ou que possa precisar (para febre ou dores, por exemplo).
8. Produtos de uso pessoal como escova e pasta de dentes, desodorantes, sabonetes, cremes e toalhas de banho e de rosto.
9. Objetos que o doente use com frequência, como celular, tablet, livros, carregadores e tomadas.

Conforto e cuidado do doente



• Verifique, várias vezes ao dia, como o doente está, ficando de pé em frente à porta aberta do quarto. Aproveite esses momentos para lembrá-lo de tomar os remédios.

• Leve refeições, alimentos, água e remédios sempre que necessário.



- Se o doente piorar, leve-o a uma emergência médica ou a uma unidade de pronto atendimento perto de sua casa.
- O cuidado com a saúde mental do doente também é importante. Nesse momento as emoções podem ficar muito intensas e conversar sobre elas com um profissional pode ajudar a entendê-las e a cuidar de si.



Como organizar a casa?

- Mantenha a distância de dois metros do doente quando ele precisar sair do espaço escolhido para o isolamento.
- O doente só deve sair de seu espaço para atividades essenciais, como ir ao banheiro ou ao médico.
- As outras pessoas da casa não devem entrar nem ficar no espaço do doente.



• Os objetos e superfícies que o doente tocou fora do seu espaço devem ser limpos com água e sabão (ou álcool spray) assim que ele voltar ao seu espaço.



- O doente e as outras pessoas da casa devem ficar de máscara durante todo o tempo em que o doente estiver fora do seu espaço.
- O doente e alguma outra pessoa da casa que precise entrar no espaço devem ficar de máscara durante todo o tempo em que estiverem juntos.

Qual é a sua Maré?

Pesquisa feita pela Redes da Maré descobre como a população do território se comporta na internet

THAÍS CAVALCANTE

Quem circula pelas ruas, vielas e pelos becos sabe: a Maré é uma só, mas existem várias dentro dela. Sua população, de mais de 140 mil habitantes, ocupa um dos maiores conjuntos de favelas da cidade. São 16 comunidades unidas mas, ao mesmo tempo, únicas em suas questões sociais, culturais e territoriais. A partir dessas diferenças, aos moradores foi perguntado: *Qual é a sua Maré?* Essa dúvida também deu nome ao projeto de mapeamento da Associação Redes de Desenvolvimento da Maré, com o apoio de mobilizadores locais.

Atuante por décadas em ações que beneficiam esse grande mar de gente, a Redes desenvolveu um mapeamento sobre as demandas dos moradores. Questões como problemas enfrentados para acessar a internet, quais os canais de comunicação digital mais utilizados, por onde é feito esse acesso, entre outras, foram levantadas. A ideia é entender as informações coletadas a partir das vivências, necessidades e desejos dos moradores e pensar em melhorias para o território.

A pesquisa foi realizada de duas formas: presencialmente, com mais de 1.300 pessoas, e virtualmente, com cerca de mil pessoas. “A gente pensou numa pesquisa para entender o comportamento dos moradores na internet e saber como está sendo durante a pandemia, num formato parecido com o Censo Maré. A diferença é que foi uma amostra pequena, mas que reflete a diversidade das favelas”, conta **Lidiane Malanquini**,

DOUGLAS LOPES



Entender qual é a Maré ideal dos moradores é a proposta da pesquisa realizada e uma forma de buscar direitos

coordenadora do eixo de Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça da Redes e mobilizadora de rua do projeto.

Encontrando respostas durante a pandemia

Foram dias intensos de pesquisa durante os meses de novembro e dezembro de 2020. A equipe da ação contou com 25 pessoas; 20 delas, entre pesquisadores e também mobilizadores, circulavam pelas ruas, enquanto as outras cinco atuavam na comunicação institucional. “Foi uma maneira de circular menos pelo território durante a pandemia de covid-19, mas, ainda assim, ter um diagnóstico sobre o limite de acesso à internet, o home office e as aulas on-line nas favelas”, diz Lidiane.

Para alcançar e entender essa população é preciso comunicar de dentro para dentro, uma experiência que a Redes já tem ao ouvir as pessoas, fazer articulações e estimular a mobilização, de acordo com **Jéssica Pires**,

jornalista da organização. Não à toa, os mareenses que divulgaram a pesquisa *Qual é a sua Maré?* são produtores de conteúdo, como o dançarino e humorista **Raphael Vicente** e a youtuber **Paloma Calado**. “Pensamos neles para que pudessem incentivar as pessoas a fazer o mesmo: contar qual é a favela que os moradores querem, descobrir o quanto as pessoas valorizam o território quando se veem representadas”, diz a jornalista.

Incentivo para produção local de dados

O projeto de pesquisa *Qual é a sua Maré?* recebeu o patrocínio do Facebook através do Programa de Aceleração de Comunidades. Entre as 12 comunidades brasileiras escolhidas, estava a Maré. O programa

investiu na formação e no desenvolvimento de empresas e projetos sociais selecionados. “Esse apoio do programa facilita a ampliação do reconhecimento da instituição em todo o território e a produção local de dados”, garante **Andrea Blum**, jornalista e coordenadora da equipe de comunicação institucional da organização.

A importância do projeto está em identificar quais as demandas da população e articular, junto aos órgãos competentes, políticas públicas visando melhorias que atinjam os mais de 140 mil moradores da Maré. “A gente só constrói narrativas se conseguirmos colocar nossas experiências locais para fora. Esses dados são um apoio importante para qualificar a nossa atuação”, destacou a coordenadora.

“A gente só constrói narrativas se conseguirmos colocar nossas experiências locais para fora. Esses dados são um apoio importante para qualificar a nossa atuação.”

ANDREA BLUM, coordenadora de comunicação da Redes da Maré

Viver como direito

A população transgênero convida a sociedade a combater a transfobia não só no Dia da Visibilidade Trans como durante todo o ano

ELISÂNGELA LEITE



Mensagem durante a 1ª Mostra de Cultura e Cidadania LGBT de Favelas, em 2017, reforça que amar é um direito que vale a todas as pessoas

THAÍS CAVALCANTE

Datas se tornam importantes a partir de seus significados. Por isso, depois que pessoas trans foram, em 2004, ao Congresso Nacional levantar o debate sobre essa população, o dia 29 de janeiro nunca mais foi o mesmo, ao ser escolhido para ser o Dia Nacional da Visibilidade Trans. A data também viu nascer a campanha *Travesti e Respeito: já está na hora dos dois serem vistos juntos*, do Programa Nacional de Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/Aids do Ministério da Saúde.

A politização do movimento trans foi decisiva na luta pelos seus próprios direitos. Em 1992, surgiu a primeira organização política de travestis da América Latina, a Associação das Travestis e Liberados do Rio de Janeiro (ASTRAL). A partir daí, foram criadas associações e realizadas conferências, surgindo uma articulação nacional para levantar demandas dessa população como, por exemplo, o direito de ser reconhecida

pela identidade de gênero escolhida.

Assim como entender suas lutas, conquistas e história, é necessário saber que a população transgênero é composta por travestis e transexuais, ou seja, pessoas que não se identificam com o seu gênero de nascimento. Uma pessoa transexual pode ser mulher trans, homem trans, ou pessoa trans não-binária (que não se identifica com o gênero feminino nem o masculino).

Resgatar o ontem sem esquecer o hoje



Keila Simpson, mulher trans e presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) de Salvador, afirma que o dia 29 é, sim, um marco histórico

na luta dos movimentos organizadores, mas que, antes disso, a militância trans já resistia à forma como a socie-

dade a compreendia. Por isso, lembrar a luta individual e coletiva, resgatar a memória e celebrar a data é expor a naturalização de que tanto precisam.

“Não existe uma característica que determine todas as pessoas. Essa população vem da realidade da falta de políticas públicas e sempre foi colocada em segundo plano. Foi só começando a reivindicar, de fato, esse pertencimento à sociedade para se entender que as diferenças são só físicas e de gênero. Todo mundo é humano. Somos iguais a qualquer outra população vulnerável”.

Sobre os maiores desafios enfrentados, Keila cita três, fundamentais. O primeiro é viver, pois, de acordo com levantamento da Antra, o Brasil é o país que mais mata pessoas trans em todo o mundo. O segundo desafio é sobreviver, buscando ainda direitos humanos básicos. O terceiro é a inserção dessa população na sociedade – na escola, no mercado de trabalho, na roda de amigos, no jantar de família.

“Precisamos constranger o Brasil para que ele tome conta dessa população, dizendo para a comunidade internacional, para os governos municipais, estaduais e federal, que olhem para esses números e desenvolvam estratégias para erradicar a violência e dar um fim a essas mortes.”

KEILA SIMPSON

mulher trans e presidenta da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra)

Movimentos de favela na luta por direitos

Um povo historicamente marginalizado e vulnerável também se articula para garantir direitos básicos de quem vive em favelas e periferias. Essa realidade foi abraçada por organizações da sociedade civil, ativistas e militantes, que se mobilizam e criam alternativas dentro de seus territórios populares e com seus próprios corpos.

Gilmara Cunha, ativista e mulher negra trans, é estudante de psicologia e moradora da Nova Holanda. Líder do Grupo Conexão G de Cidadania LGBT para

Moradores de Favelas, ela conta que, durante a pandemia, as organizações que cuidam e apoiam essas pessoas precisaram se reinventar para atender demandas como a falta de acesso a benefícios, documentação e emprego. A sede do Conexão G fica na Maré e foi a primeira ONG do país comprometida com a causa LGBT em favelas. Outra conquista de Gilmara foi o reconhecimento do seu trabalho através do recebimento da Medalha Tiradentes, a maior honraria concedida pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (Alerj).

A responsabilidade é grande e se concentra no combate à violência, na busca pela educação de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros e na promoção da saúde para essa população. “Conexão G tem a perspectiva de construir políticas públicas para uma população que é apagada, pensar em como essas políticas LGBT, que a gente acre-

dita ser um avanço dentro do sistema governamental, podem chegar nessa população”, diz. Segundo ela, existem avanços graças ao movimento, mas não são suficientes. “Ainda temos que pautar nossa existência”.

Quem também faz isso com recorte de gênero é a Coletiva Resistência Lesbi de Favelas, que existe há 12 anos no território mareense. O grupo lançou em 2020, juntamente com o Instituto de Psicologia da Universidade Federal Fluminense (UFF), o *Mapeamento sócio-cultural-afetivo das lésbicas e mulheres bissexuais do Complexo da Maré*. Os dados sobre a existência dessas mulheres serão a base do fortalecimento das políticas públicas existentes e do estímulo à criação de novas.

Saúde pública pra quem?

Dentro dessa realidade, a saúde pública para transgêneros é uma das necessidades mais urgentes. Centros de referência, ambulatórios e clínicas que os atendem são poucos e têm estrutura precária, afirma

Leonardo Peçanha,

que é homem negro trans, mestre em Ciências da Atividade Física e especialista em gênero e sexualidade.



“A gente esperava que o atendimento de pessoas trans fosse mais humanizado. Existe uma dificuldade de o profissional de saúde usar os protocolos que já existem. Afinal, somos humanos também”, observa.

Ele cita como exemplo o tratamento hormonal para pessoas trans. “Não é diferente de uma pessoa cisgênero. Se o médico se negar a fazer o tratamento, é preconceito e transfobia”. Leonardo admite, ainda, que questões como essa alimentam as vendas de medicamentos e insumos não acessíveis pelo Sistema Único de Saúde (SUS) no mercado paralelo para quem se encontra em estado de maior vulnerabilidade.

O preconceito que atinge a população LGBTQIA+ em relação às IST e ao vírus da Aids (o HIV) também é um obstáculo ao acesso à saúde, estimulando a transfobia e a homofobia. Entretanto, os números vão no sentido oposto do senso comum estabelecido ainda nos anos 1980, quando o HIV se tornou conhecido. Heterossexuais são mais da metade dos brasileiros conta-

minados pelo vírus através do sexo, de acordo com o Boletim Epidemiológico de HIV/Aids do Ministério da Saúde, atualizado em 2019.

“Isso tem a ver com a moral daquela época. É uma hipocrisia achar que pessoas LGBTs vão pegar a doença e espalhá-la. Doença dá em todo mundo”, diz Leonardo. Ele se refere à epidemia de Aids que afetou essa população nos anos 1980, impactando mais homens gays e levantando questões sobre saúde e sexualidade. Não à toa, o reconhecimento governamental dessa população veio a partir da resposta ao alastramento da doença. Os direitos e as garantias fundamentais para transgêneros ainda estão avançando, assim como medidas para minimizar historicamente as injustiças que atingem a essa população e garantir direitos que ainda são negados a ela. A luta é contínua.

Keila Simpson fala da importância do levantamento feito pela Antra. “Precisamos constranger o Brasil para que ele tome conta dessa população, dizendo para a comunidade internacional, para os governos municipais, estaduais e federal, que olhem para esses números e desenvolvam estratégias para erradicar a violência e dar um fim a essas mortes. O mapeamento é um pedido de socorro para que essas pessoas possam viver”, conclui.



Linguagem neutra: mais inclusão e diversidade para todes

A importância do uso de pronomes neutros na língua portuguesa e seus desafios



MATHEUS AFFONSO

Para o ativista LGBTQIA+ Gabriel Horsth, o debate sobre pronome neutro precisa estar tanto nas universidades quanto nas ruas

THAÍS CAVALCANTE

O movimento de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros, Queer, Intersexo e Assexuais (LGBTQIA+) existe e resiste no Conjunto de Favelas da Maré há décadas, seja ocupando os palcos dos teatros, reivindicando direitos, criando ações de mobilização, produzindo Paradas LGBT, levando pautas para a Academia [Brasileira de Letras] e ocupando quaisquer espaços, seus por direito.

Nesse grupo, existem pessoas não-binárias, aquelas que não se identificam com os gêneros masculino ou feminino. Isso quer dizer que a pessoa foi além da sua designação definida no nascimento. Sob o guarda-chuva não-binário, existem diversas identi-

dades, como a de gênero neutro, por exemplo. Para facilitar o tratamento a essas e outras pessoas, é importante entender que “as línguas são, ao mesmo tempo, formadoras e informantes das realidades. Pessoas diferentes em tempos históricos diferentes e em realidades diferentes trabalham línguas diferentes”. Quem afirma isso é **Rita Von Hunty**, *drag queen*, atriz, professora e formada em Letras.

Segundo ela, falando ainda sobre a linguagem neutra, “as palavras carregam histórias de transformações sociais, e essas alterações da realidade provocam alterações da linguagem. Estas últimas ainda podem propor alterações na realidade. As línguas acompanham transições

históricas”. Não à toa, é possível encontrar hoje esse debate nas redes sociais, na academia e no movimento LGBTQIA+. Por tratar da inclusão de uma parcela da população, essa é uma discussão que deveria estar não apenas nesses espaços, como também nas ruas da Maré.

Falando uma nova língua

Gabriel Horsth é muitos em um só: se apresenta como bicha, preta, favelada e artista. Também faz jornalismo e mora na Nova Holanda. Acredita que a discussão nasce a partir de uma demanda da própria comunidade gay e, daí, vai tomando força. “É como uma forma de criar um espaço na língua, que inclua outros gêneros para além

dessa lógica binária, sexista e machista de ver o mundo, na qual a língua portuguesa está aprisionada”.

Ele percebe essa discussão em diversos espaços da sociedade, como em política, educação e saúde, além de ocupar as redes sociais e os movimentos sociais. Acredita-se que a origem do movimento é feminista. O gênero masculino normalmente é usado na língua portuguesa para designar o coletivo, por isso basta um homem entre mulheres para que os participantes do grupo sejam designados como “eles” e não como “elas”, mesmo que elas sejam maioria. Este é apenas um dos reflexos práticos da sociedade patriarcal em que as pessoas estão inseridas.

“É sobre possibilidades. Eu me apresento muito no feminino, acho que ser bicha tem essa relação com o feminino. Mas me identifico com o gênero masculino, da mesma forma como as pessoas me chamam como me veem. Minhas amigas próximas, por exemplo, já sabem e entendem que a sexualidade influencia a forma como eu me identifico e como eu me relaciono em sociedade, e eu adoro”, conta Gabriel.

Mais visibilidade, mais enfrentamento

Laerte Breno, educador popular, coordenador do pré-

“A língua não é adotada como um direito, mas sim como um privilégio. Um debate sobre política, raça, gênero e classe na favela ainda só chega a uma pequena parcela da população. Acredito que a língua é um instrumento de poder. Sendo assim, nem todo mundo tem acesso a ela.”

LAERTE BRENO, educador popular, coordenador do pré-vestibular UniFavela e morador da favela Salsa e Merengue

vestibular UniFavela e morador da favela Salsa e Merengue, na Maré, tem consciência da importância do debate e o pratica em suas aulas. "Estou falando enquanto homem, cisgênero, negro e heterossexual. Acho importantíssima essa temática. De certo modo, abrange a diversidade que a gente tem na língua portuguesa. A língua é a leitura do nosso mundo. Quando a gente neutraliza o idioma, principalmente para o público não-binário, é uma preocupação que vale destacar nas saudações, como por exemplo 'Bom dia a todos, a todas e a todes'. Isso é convidar o público para o debate."

Ele admite, ainda, que há um caminho longo para popularizar o tema. "A língua não é adotada como um direito, mas sim, como um privilégio. Um debate sobre política, raça, gênero e classe na favela ainda só chega a uma pequena parcela da população. Acredito que o idioma é um instrumento de poder. Sendo assim, nem todo mundo tem acesso a ele". Gabriel concorda e levanta a discussão não-binária e de gênero como causadora de fissuras na favela. "Ela

está sendo introduzida aos poucos dentro dessa estrutura historicamente sexista, e isso é bom, mas vem de um processo lento e doloroso. Acho que a favela está avançando, e reconhecer isso é fundamental", conclui.

O aprendizado que valoriza a inclusão e o respeito deve ser estimulado, assim como a diversidade que existe nos territórios populares. Uma discussão inicial do tema usava o X nas palavras, como "todxs". Seu uso foi interrompido a partir do alerta de que ele prejudica a leitura de programas de computador usados por pessoas com deficiência visual. Surgiram então propostas de uso de

pronomes neutros como "ilu" e "el" (veja a tabela abaixo) e terminações como em "menine". É possível, também, usar palavras que são conhecidas como comuns a todas as pessoas: no lugar de "aluno" ou "aluna", pode-se adotar "estudante", que é um termo já existente na língua e não flexiona para nenhum gênero. Isso traduz respeito à identidade da pessoa, não somente à sua aparência.

Essa mudança vem para promover mais inclusão, diversidade, tolerância e entendimento de que todas as pessoas devem ser tratadas como elas assim preferirem. Gabriel sugere caminhos: "Se grandes comunicadores locais, como pastores (entendendo que a maioria dos mareenses é cristã), comerciantes de feira, jornalistas comunitários, radialistas e artistas começarem a usar a nomenclatura, de forma direta, isso vai impactar

o território. Não agora, mas a longo prazo".

O desafio só começou. O debate que chegou às favelas do Brasil também está sendo travado em outras línguas, como na França e na Espanha. Nesses países, as instituições que cuidam do idioma se posicionaram, em sua maioria, contrárias à mudança que vêm ocorrendo. Já em Portugal, em setembro de 2020, o Ministério da Defesa recomendou o uso da linguagem neutra nas certidões de nascimento e no registro civil. A chamada linguagem inclusiva é, no espectro político, pauta para a criação de guias linguísticos, conselhos e leis, e caminha, aos poucos, para ampliar o debate em nível global. Procurada para falar sobre o tema, a Academia Brasileira de Letras não respondeu ao Maré de Notícias até o fechamento desta matéria.

VEJA OS PRONOMES TRADICIONAIS E AS PROPOSTAS DE PRONOMES NEUTROS

Pronomes usados na língua portuguesa	Propostas de pronomes neutros					
ele/ela	ilu	elu	el	ile	ili	éle
ele/a(s)	ilu(s)	elu(s)	el(s)	ile(s)	ili(s)	éle(s)
dele/a(s)	dilu(s)	delu(s)	del(s)	dile(s)	dili(s)	déle(s)
nele/a(s)	nilu(s)	nelu(s)	nel(s)	nile(s)	nili(s)	néle(s)
aquele/a(s)	aquel(s)	aquelu(s)	aquel(s)	aquile(s)	aquili(s)	aquéle(s)

Vai começar a partida

Com os jogos de celular, cultura *gamer* se torna mais popular entre os adultos e mais acessível para as crianças da favela

THAÍS CAVALCANTE

Muito se engana quem pensa que jogar videogame é coisa de criança e só traz diversão. O estilo de vida *gamer* transforma um simples lazer em aprendizagem, descobertas e motivação para os participantes. Independentemente da idade, ele vem para transformar e colocar todos os nerds no combate: os pequenos crias da favela são apaixonados por jogos pelo celular; já os adultos, pelos games no computador ou console. Para a terceira idade, as jogatinas sem tecnologia são as favoritas: é possível encontrar baralhos, dominós e dados espalhados pelas mesinhas de concreto nas pracinhas.

Dentro das lan houses e casas dos mareenses, os jogos de console e de celular dominam. Segundo **Francisco Tupy**, doutor em aplicação de videogames na educação e comunicação pela Universidade de São Paulo (USP), jogar é um ato extremamente democrático. “Os jogos trazem muitas possibilidades de aprendizagem. Você pode interagir com tecnologia, informações culturais, participar de comunidades internacionais, ter a possibilidade de criar jogos e outras atividades possíveis”.

Ainda que isso exija esforço financeiro para a compra de equipamentos, essa realidade faz parte da vida favelada. **Gilson Jorge** é educador social no Instituto Reação, estudante de História da Arte e morador da Nova Holanda. Gilson se considera um nerd de favela e, aos 38 anos, relembra uma infância privilegiada, pois tinha o clássico Turbo Game e jogava fora com os colegas. Com o passar do tempo, ele trocou as jogatinas na rua e se tornou mais caseiro. “Tenho meu Playstation 4 e jogo on-line, tanto com os meus amigos que moram na Maré quanto com aqueles espalhados pelo mundo”, diz.

Segundo ele, “não existe idade para jogar videogame, tanto que a maior fatia que joga é a galera mais velha. Para os mais novos, os pais precisam controlar a classificação indicativa”. Gilson está certo. De acordo com a *Pesquisa Game Brasil 2020*, são os adultos de 25 a 34 anos os maiores adeptos dos jogos

MATHEUS AFFONSO



Assim como o celular, o console portátil Nintendo Dsi permite que Mariana Rodrigues jogue em qualquer lugar eletrônico no país, representando 33,6% do público *gamer*. Em seguida, aparecem os jovens de 16 a 24 anos e as crianças.

O *gamer* de favela, hoje, tem opções de jogos e formatos, e os domina bem. O mesmo acontecia décadas atrás, só que com o RPG e o fliperama – máquinas desse último ainda podem ser encontradas facilmente em bares e calçadas das favelas, mas não como no auge de sua popularidade, quando passou a nomear o local onde eram instaladas. Gilson acredita que “o fliperama deixou de ser um lugar para jogar e se tornou um ponto de encontro; a gente ficava conversando e se divertindo muito em volta da máquina. Inclusive, boa parte dos amigos que tenho frequentava fliperama comigo. Essa coisa de ter videogame era para poucos, então as pessoas jogavam no fliperama”.

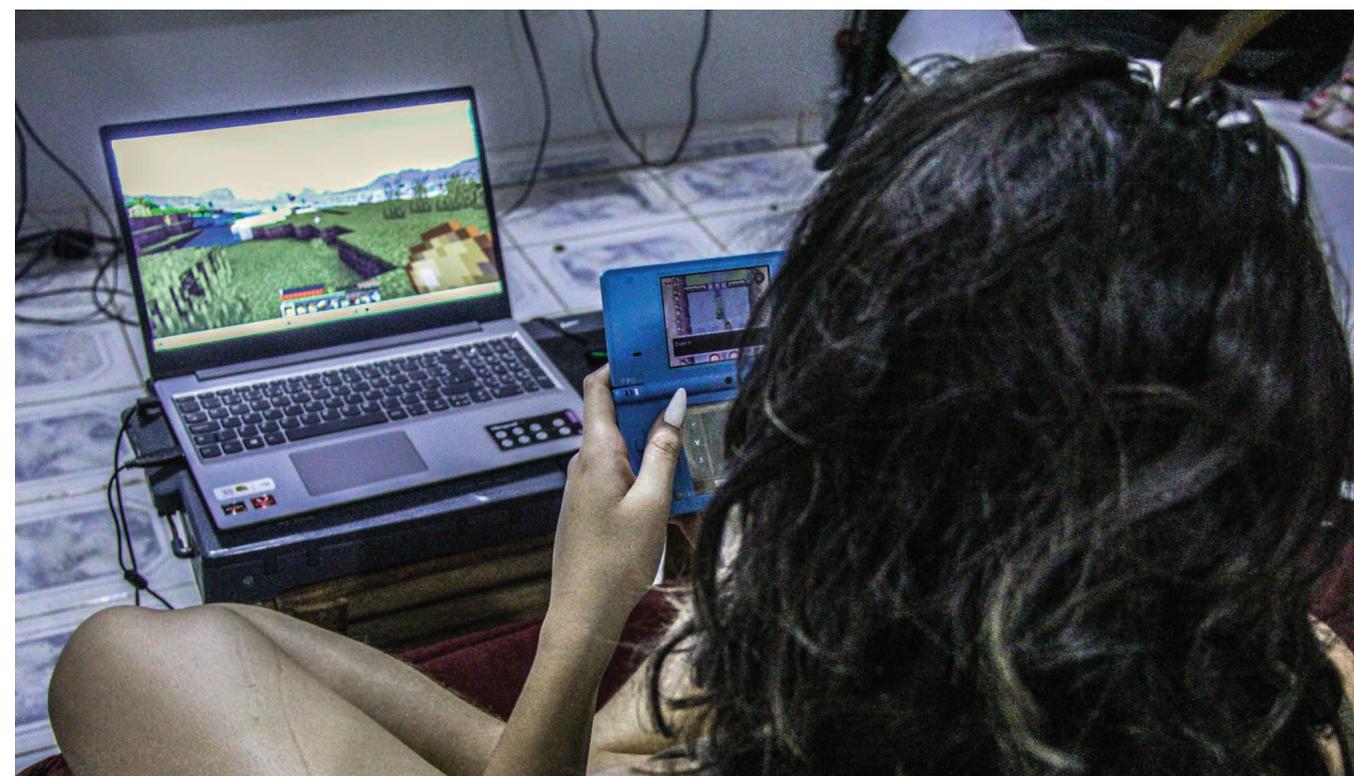
Os desafios de ser *gamer* na favela

O fenômeno nacional que são os videogames também enfrenta obstáculos dentro das favelas: a falta de conexão, equipamentos caros e o preconceito contra mulheres *gamers* compõem a lista de desafios. **Mariane Rodrigues**, moradora da Vila do Pinheiro e Mo-

bilizadora Ambiental no projeto *Maré Verde*, faz parte da maioria *gamer* do país: 53,8% desse público são mulheres. Desde pequena, o acesso ao computador facilitou a entrada no mundo dos jogos, já que nas ruas era delicado brincar.

“Eu sempre tive uma dificuldade muito grande de acessar esses espaços masculinos. Por eu ser menina, meus pais controlavam muito os horários e as saídas. Quando os jogos tinham a proposta de ser coletivos, eu não tinha coragem de participar. Sempre foi uma aventura proibida.” Mariane joga até hoje, aos 27 anos, e admite ainda preferir jogar sozinha. Além de ter opções como o celular e o notebook, ela também usa o Nintendo Dsi, um console clássico.

Para mostrar um pouco dessa vivência, ela e mais Francisco e Gilson se uniram para criar o podcast *Nerd de Favela*, no Spotify. Um programa que surgiu em setembro de 2020 e fala sobre cultura pop e cultura favelada de um jeito descontraído, com trilha sonora de funk e um papo cabeça sobre vivências dos jovens mareenses e agora, *podcasters*.



MATHEUS AFFONSO

Assim como Mariane, muitos gamers jogam em mais de uma plataforma, mas os portáteis são hoje os mais populares entre os jogadores

Celular, o novo console

O celular tem sido uma ferramenta importante para a popularização dos games: entre 5.830 pessoas, 86,7% assumiram utilizar o aparelho para jogar, segundo a *Pesquisa Game Brasil 2020*. Mas a falta de acesso à internet é uma das maiores dificuldades enfrentadas pelos gamers. A realidade de um serviço precário de apenas uma operadora de telefonia para distribuir banda larga para toda a Maré reafirma a importância de uma internet de qualidade. O que salva são os pacotes de dados do celular, o que fez desta plataforma a mais usada pelo brasileiro para jogar.

Francisco Tupy acredita que o celular é importante nessa popularização digital de games, assim como jogos gratuitos são fundamentais para garantir a acessibilidade de crianças que vivem em favelas. “Dos *gameplays*, o Free Fire é um fenômeno. Se ele não fosse, não ia ter tanta popularidade no Brasil. Ele está entre os aplicativos mais rentáveis e mais baixados. Sua maior qualidade é o hardware leve, a molecada consegue se divertir e jogar para ganhar. Também tem um lado de conversar com o tempo de incertezas que a gente vive. O jogo não serve mais para

ser só jogado. O jogo hoje é esporte, pode ser assistido e comentado”.

Lançado há apenas três anos, o game exige pouca memória e poucos dados do telefone de seus jogadores. Nas favelas, toda criança sabe o que é Free Fire. Além de garantir a diversão, é de graça e leve para rodar no celular. Pensando nessa popularidade, foi criada a Taça das Favelas Free Fire 2020, uma competição de eSports entre jogadores de periférias de todo o país. “A gente pensou que jogo era mais acessível e comparamos a popularidade do Free Fire nas favelas com o futebol. Acessível mesmo. Na favela, nem todo mundo tem computador, mas todo mundo tem celular”, diz **Rennan Costa**, um dos organizadores do evento, gestor esportivo e professor no projeto Afrogames, centro de eSports que oferece curso de jogos e criação de games em Vigário Geral, no Rio.

Os eSports são competições de jogos eletrônicos nas quais as partidas podem ser acompanhadas on-line ou presencialmente por qualquer um, assim como nos jogos da Copa do Mundo ou das Olimpíadas. A primeira competição

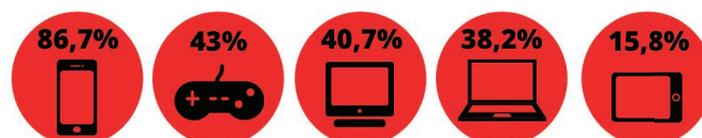
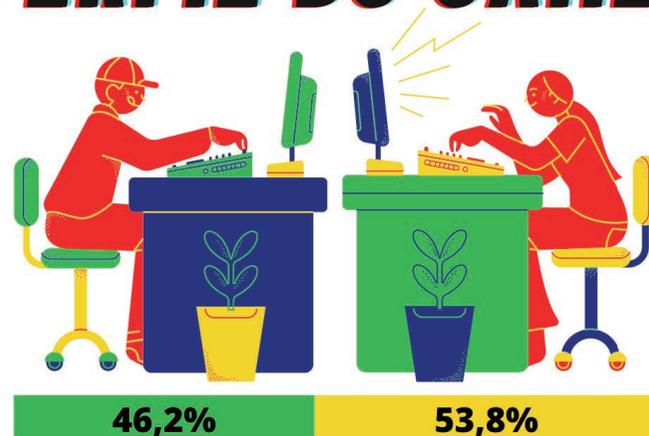
eletrônica aconteceu em 1972, quando estudantes da Universidade de Stanford, na Califórnia (EUA), se juntaram para jogar Spacewar, um dos primeiros jogos de computador desenvolvidos. Desde então, foram precisas décadas para que os eSports se tornassem populares e, principalmente, acessíveis, como é o caso da Taça das Favelas Free Fire 2020. “Inclusão e diversão caminham lado a lado. No evento, conseguimos trabalhar o espírito de equipe, melhorar a qualidade de vida, dar esperança e mostrar que a favela consome tecnologia, inovação e eSports”, destaca Rennan.

Além de Free Fire, os queridinhos mais baixados nos celulares dos pequenos nerds são Among Us, Minecraft e Roblox. Mas qual a vantagem do barateamento de celulares e da gratuidade de jogos, afinal? “Tem toda uma questão de criação, distribuição e oferecimento de celular de baixo custo com fácil acesso e popularidade. É como se fosse um nicho pensado em questões socioeconômicas e geográficas. Por exemplo, nos Estados Unidos, o Free Fire não é tão famoso”, garante Francisco.

Games e educação têm tudo a ver

Muitos responsáveis se preocupam e acham que os jogos eletrônicos podem influenciar negativamente a educação de crianças e adolescentes. Indo na contramão desse pensamento, existem espaços de educação, como o Afrogames, em Vigário Geral, e o Colégio Estadual José Leite Lopes (NAVE Rio), na Tijuca (ambos na zona norte do Rio), que oferecem formação em programação de jogos. Desta forma, esses espaços utilizam o raciocínio lógico dos games para buscar interação e desenvolvimento educacional.

PERFIL DO GAMER



Notícia de porta em porta

Conheça os distribuidores do jornal que, nas primeiras semanas de cada mês, entregam o Maré de Notícias nos mais de 47 mil domicílios

EDU CARVALHO

“**Ô**, meu filho, me dá um jornalzinho? Gosto muito de ler vocês, sabe? Melhor: me dê dois, um para mim e outro para minha filha”. Isso foi o que escutei de uma senhora durante a entrega do Maré de Notícias, enquanto andava serelepe empurrando o carrinho cheio de edições pelas ruas do Parque União.

Minha primeira vez no local me fez conhecer as pessoas e viver essa troca durante a distribuição mensal dos exemplares para quem é de direito: os habitantes das 16 favelas da Maré. Também cria de uma favela, a Rocinha, durante a entrega me vi engolido pela dimensão do território desconhecido, tendo contato físico com seus contrastes, uma possibilidade em cada canto e olhar. “Você chega a se perder enquanto faz toda a entrega”, me confidenciou **Valéria Silva**, uma das distribuidoras que poderia apresentar como um Google Maps da Maré.

Quem já rodou bastante entregando os exemplares é **Henrique Gomes**, morador e coordenador de distribuição, que começou a fazer esse trabalho em 2011, dois anos depois do nascimento do jornal. “Assim que cheguei na Redes, fui deslocado para integrar o eixo das Mobilizações Territoriais, tendo mais imersão nas regiões. Foi aí que cheguei



Parte da equipe durante a distribuição do jornal de dezembro de 2020, a terceira entrega após a pausa forçada pela pandemia

na distribuição”, conta ele, recordando que a estrutura era diferente há nove anos. À época, o time de mobilizadores era escolhido pelas associações de moradores, tendo cada favela um representante.

Anos depois, o setor da Redes da Maré se desfez, mas Henrique continuou a acompanhar o processo. Em 2019, uma reestruturação da entrega foi feita, e novamente ele estava presente. “Nosso principal objetivo era fazer com que o jornal estivesse mais próximo do território e, sobretudo, do morador. Era importante o distribuidor ter camisa do projeto, levar os exemplares junto, formar pequenos grupos”, diz ele.

Em 2019, o Maré de Notícias uniu-se a dois projetos da Redes: o Cria e o Espaço Normal, referência de cuidados de pessoas em situação de rua e/ou usuárias de drogas. A parceria já dura mais de

um ano, e é o modelo de distribuição que temos hoje: o grupo de trabalho é composto por pessoas que fazem parte dos dois projetos – principalmente jovens e adultos que conhecem bem o território, e ninguém melhor que eles para fazer com que as edições dos jornais cheguem aos domicílios da Maré.

Henrique enfatiza a importância disso acontecer da Maré para a Maré, criando e potencializando os moradores de todos os territórios e elevando, com isso, sua autoestima. “Participar disso me faz reconhecer que a maneira de ser ator de mudanças para esse espaço está liga-

da à construção da minha identidade e ao momento: quando você produz, fala sobre os problemas que te afetam, aquilo sai em um jornal que é local, você vai à rua, entrega aos vizinhos, amigos. É uma extensão do conhecimento.”

E não tem coisa melhor do que partilhar aprendizados com a juventude periférica do local. Para ele, ser esse “coordenador mais velho” o coloca no lugar de mais experiente e, ao mesmo tempo, aquele que aprende junto com todo o time de 14 distribuidores. “É um processo bonito de construção com os jovens, que também são o público. Você vê a mudança acon-

“É bonito desenvolver esse trabalho para o local onde moro, é uma experiência enriquecedora para nossas vidas. E sentimos muito isso ao entregar o exemplar e receber em troca um sorriso, um elogio.”

FELIPE BACELAR, coordenador de distribuição e morador da favela Rubens Vaz



DOUGLAS LOPES

Distribuidores escutam as sugestões de moradores e levam para as reuniões com a equipe

tecer ao longo dos meses, eles se fortalecem a cada entrega. Criam-se vínculos, afetos, podendo conhecer um pouco da Maré que é cada um”.

Um desses jovens é **Felipe Bacelar**, coordenador da distribuição e morador de Rubens Vaz. Para ele, fazer parte da iniciativa abre inúmeras possibilidades estando dentro do território. “Me sinto participante da construção de algo muito significativo, tanto para quem faz quanto para quem rece-

be. É desafiador”, sintetiza. “É bonito desenvolver esse trabalho para o local onde moro, é uma experiência enriquecedora para nossas vidas. E sentimos muito isso ao entregar o exemplar e receber em troca um sorriso, um elogio”, complementa.

Responsabilidade em comunicar

Mas há também muita responsabilidade e cobrança, percebida ali, ao vivo, enquanto deixam as edições de mão em mão.

“Os moradores criticam se o jornal fica concentrado somente em informações de uma determinada comunidade ou em um assunto de uma região específica. Somos os porta-vozes, e nossa tarefa é captar a demanda, agradecer a crítica e transformá-la em solução, para que o Maré de Notícias seja cada vez mais diverso, sem deixar de incluir nenhuma das 16 comunidades”, aponta.

Há dois anos no grupo, **Jonathan Ribeiro** faz parte da leva remanescente dos indicados pelas associações. Sendo ele morador da Baixa do Sapateiro, conta que rodar por todas as regiões fez com que ele aprendesse sobre si mesmo e sobre a Maré. “É um prazer conhecer todos esses lugares por onde não andava direito, e na companhia de colegas de trabalho excepcionais. É uma verdadeira família.”

O jovem relata que a diversidade de pessoas no time faz com que o trabalho seja ainda mais rico, enfatizando a ideia de símbolos territoriais. “Cada um de nós representa uma comunidade, definindo de forma especial o morador da Maré, que é múltiplo e tem atenção para vários temas”, diz. “Trazemos a Maré que é cultura, lazer, que é paz. Isso se reflete no jornal, é isso que damos ao morador.”

Marcela Silva completará um ano como entregadora em fevereiro de 2021, tendo chegado por indicação de uma amiga. Para ela, trabalhar ali é também se tornar uma ponte de possibilidades. “Ajudamos a levar conhecimento a quem não tem acesso. Isso faz falta no mundo”, diz. “É gratificante ser representado nestas páginas; me faz ter motivação para continuar com meus sonhos”.



21 de abril de 2020

... O grupo de risco também está dentro da minha casa. Os cuidados a serem tomados não faziam sentido pra minha realidade de pobre e favelado que não tem acesso pleno à saneamento básico. Sem contar que antes dele chegar, a água já estava chegando suja na minha casa. Como usar a água para lavar as mãos, as roupas, comida, hidratação, tomar banho como recomendam?

ADRIANO DE CARVALHO MENDES
Maré, Rio de Janeiro - RJ



Adriano de Carvalho Mendes, morador do Morro do Timbau, Maré. Formado em Gestão Pública e Mestrando em Planejamento Urbano e Regional pela UFRJ, é educador popular no Coletivo de Estudos para Concursos Públicos Orosina Vieira e Articulador Político no projeto Cocosap no Data_Labe.

designer twitter @amisi02

Rio de Janeiro #01

Diários de Emergência COVID-19

**COVID-19 EMERGENCY DIARIES
RIO DE JANEIRO**



Delícias que cabem no bolso

Já que os excessos alimentares do Natal são quase certos, que tal um suco para ajudar na limpeza do organismo no pós-festas? Feitos de frutas, eles ajudam a diminuir o inchaço e o desconforto depois dos exageros da ceia.

SUCO DETOX PARA DIGESTÃO

INGREDIENTES:

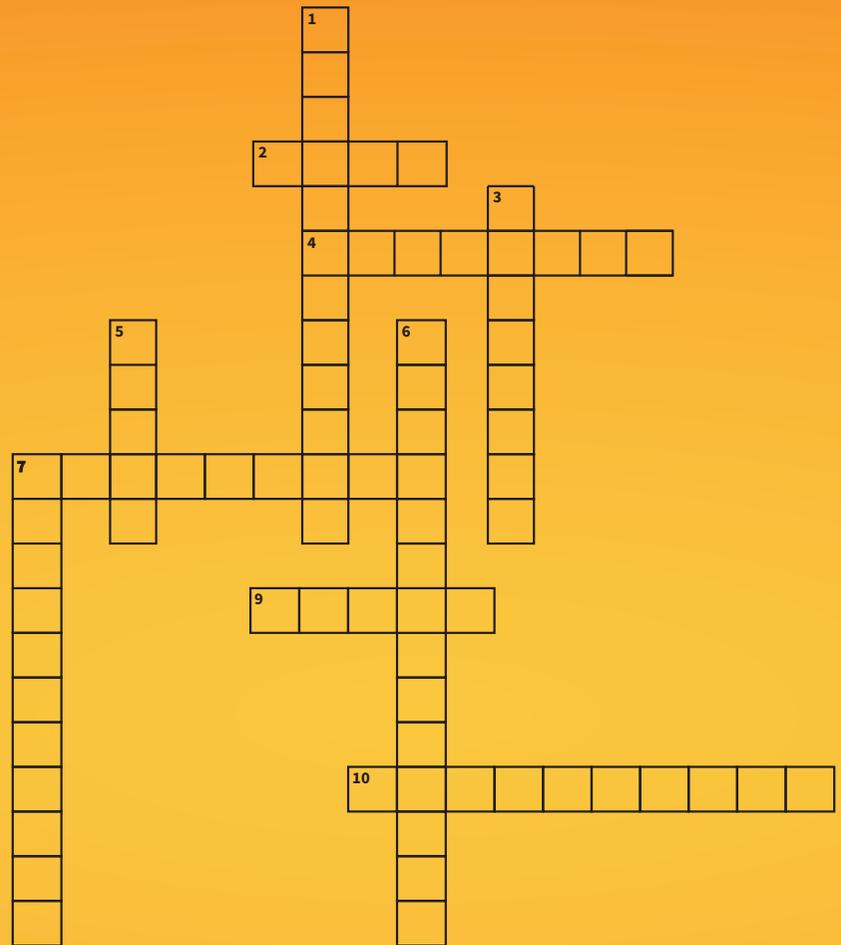
- 1/2 abacaxi com casca
- 3 folhas de hortelã
- Uma colher de café de gengibre fresco picado
- 250 ml de água filtrada

MODO DE PREPARO:

- Retire a coroa do abacaxi e lave-o bem;
- Pique e bata todos os ingredientes no liquidificador;
- Coe o suco e ponha para gelar antes de servir.



PALAVRAS CRUZADAS



Horizontais

- 2 - Alterações cíclicas do nível das águas do mar causadas pela rotação da Terra e forças gravitacionais
- 4 - Degradação do meio ambiente que ocorre por meio de alterações químicas ou físicas
- 7 - Camada de ar que envolve o nosso planeta
- 9 - Estado de boa disposição física, psíquica e bem-estar.
- 10 - Atividade relacionada ao abastecimento de água potável, o manejo de água pluvial, tratamento de esgoto, a limpeza urbana, o manejo de resíduos sólidos e o controle de pragas e qualquer tipo de agente patogênico, visando à saúde das comunidades.

Verticais

- 1 - Substância essencial para vida humana quando esta própria para consumo.
- 3 - Todas as pessoas deveriam ter acesso mas não tem.
- 5 - Conjunto de condições atmosféricas que caracterizam uma região
- 6 - Nome que se dá a um fenômeno climático que ocorre principalmente nas cidades com elevado grau de urbanização
- 7 - Acúmulo momentâneo de águas em determinados locais por deficiência no sistema de drenagem.

RESPOSTA

- 1 Água Potável - 2 Maré - 3 Direitos - 4 Poluição
- 5 Clima - 6 Ilhas de Calor - 7 (Horizontal) Atmosfera
- 7 (Vertical) Alagamento - 9 Saúde - 10 Saneamento



CONEXÃO SAÚDE

DE OLHO NA COVID

NA MARÉ!

ISOLAMENTO SEGURO

TÁ COM COVID OU CONHECE ALGUÉM QUE ESTEJA?

Uma equipe pode orientar sobre isolamento seguro e oferecer insumos para a recuperação.

Mais informações? Mande um zap para **(21) 99924-6462.**

O ATENDIMENTO É GRATUITO!

E lembre-se: a pandemia não acabou! Evite aglomerações, lave bem as mãos e use máscara.

Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

